

**DO
CORPO
AO
LIVRO**

DO CORPO AO LIVRO

Copyright © 2021 by Regina Favre

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Projeto gráfico, capa e diagramação: **Gabriela Favre**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<https://www.gruposummus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873 -8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

REGINA FAURE

DO
CORPO
AO
LIVRO


summus
editorial


coleção
Pulsátil

SUMÁRIO

PREFÁCIO 10

PARTE I Vicissitudes de uma colonização 15

- 1 Antes do começo: como reconhecer e ativar um processo adaptativo **16**
- 2 Um sonho **19**
- 3 O começo do começo **22**
- 4 Como encontrei Stanley Keleman **25**
- 5 Keleman em pessoa pela primeira vez, em 1974 **32**
- 6 Sobre começar: a vida no corpo tem muita força quando manejada adequadamente **49**
- 7 O que importa para que se escreva um livro **61**
- 8 O patriarcado pode perder terreno no ajuste milimétrico de um corpo sobre si mesmo **62**
- 9 Nos tempos do Gaiarsa: como surfei a onda que se levantou e onde fui parar **67**
- 10 A Regina corpo **74**
- 11 Quando retornei a Berkeley com *Anatomia emocional* nas mãos **79**
- 12 Formar uma vida no mercado **82**
- 13 Muitas ambivalências **91**
- 14 Félix e Stanley **93**
- 15 Como nos aproximarmos das raízes evolutivas do pensamento formativo **99**

- 16 No não desejo de ser psicóloga, nem médica,
é onde me encaixo **122**
- 17 Um americano me espera **127**
- 18 Retomando a conversa com Keleman **132**
- 19 Sobre parar-se **137**

PARTE II Engendrando um Keleman 141

- 20 Na instalação didática **142**
- 21 Uma inteligência coletiva **143**
- 22 Para fazer funcionar a instalação didática **146**
- 23 Bombeando-se **147**
- 24 No exercício da bomba pulsátil: linguagem
em ação ou um diálogo formativo **149**
- 25 Identificando-se com o quem das ações
da bomba pulsátil **151**

PARTE III Cenas de uma instalação didática 155

PARTE IV Dramaturgias dos corpos – Vídeos 171

PRESENÇAS 174

PREFÁCIO

É um livro de teoria? De história social? De filosofia política? Uma autobiografia? Um romance?

Este livro descreve o desenvolvimento do processo formativo, e a sua escrita expressa em si a abrangência de tal processo; explicita em sua forma a realidade da integração de todos os aspectos de uma vida em construção: biológicos, culturais, cognitivos, políticos, sociais, afetivos, históricos, artísticos, circunstanciais. É a formatação escrita de uma obra viva realizada ao longo de quatro décadas. É a história do desenvolvimento formativo de uma teoria sobre o processo formativo, escrita de um jeito que é como olhar as imagens que se multiplicam em um jogo de espelhos.

É a arqueologia de um tipo de conhecimento com o qual convivemos hoje – a escrita sobre um processo audiovisual que resulta numa experiência de livro multimídia.

Antes de ser terapeuta, Regina é historiadora e filósofa; desenvolveu seu trabalho sempre numa vertente analítica aguçada da realidade, que devolve o que ela observa através de um filtro crítico, quase implacável. Tende a uma precisão contundente quando descreve o

caráter de um processo – de pessoas, de si mesma, de situações ou de coletivos. Como a realidade oferece dureza, suas observações podem tender à crueldade do tipo “do chão não passa”, mas também são capazes de produzir uma imagem que se torna um apoio firme, porém macio, envolto em muita ternura.

Regina sempre foi assim: um ser humano capaz de sintetizar utilizando um sem-número de elementos.

Quando jovem e publicitária, exercitou esse poder de síntese. Depois, já terapeuta e educadora somática, passou a utilizar esse talento para beneficiar os que com ela se tratam. A sua precisão ao descrever faz-nos ver com os olhos da mente e do coração.

Deve ser em virtude desse dote natural e da paixão pela precisão descritiva que Regina se tornou pesquisadora da linguagem do vídeo. Desde os anos 1980 ela se dedica à linguagem mais adequada para desvendar os processos da nossa ação psicossomática, tornando o uso da tecnologia parte intrínseca do processo.

À medida que eu lia este texto, fui identificando em suas páginas um estilo atual em historiadores e analistas da realidade do humano – como Yuval Noah Harari (*Sapiens*) e Sidarta Ribeiro (*O oráculo da noite*). Em áreas diversas, o elemento comum dessas obras é que elas nos mostram que somos não apenas o resultado de um processo, mas o processo em si.

Outra característica que me chama a atenção na escrita de Regina, assim como na de Harari e Ribeiro, é como o conhecimento vai sendo construído e apresentado à maneira da arqueologia. Regina identifica em cada peça todas as hipóteses levantadas sobre ela, com espaço suficiente para as inevitáveis incompletudes

que nem sempre são bem-vindas na produção de ciências que buscam garantias.

A construção do saber exposto neste livro pertence a uma área de conhecimento e ação que não se propõe ao diálogo direto com a psicanálise, mas Regina a tem como um dos fios condutores do seu tecido existencial. Isso se revela no lugar de importância que os sonhos ocupam em sua prática formativa – portanto, neste livro –, em sua confiança no uso dessa “via régia de acesso ao nosso inconsciente”, como diz Freud em *A interpretação dos sonhos*. E, nessa exposição escrita do seu saber, ela usa a análise dos próprios sonhos, repetindo aqui o estilo com que Freud apresentou ao mundo a sua teoria.

O modo livre associativo com que Regina se desloca no tempo e leva o leitor com ela é também produto dos seus muitos anos de divã. A psicanálise paira sobre seu texto – como paira em toda a cultura das últimas décadas. De maneira sutil, apenas impregnando os relatos, como quando lemos esta joia: “A memória junta coisas dos mais estranhos lugares ao disparar ações”. A frase surge no meio de um relato que parece anedótico e que, de repente, nos coloca diante da descrição precisa da dinâmica psicossomática de uma ação.

A sensação na leitura é a de estar deslizando por cenários e cenas enquanto a história do desenvolvimento dos conceitos vai se apresentando. Assim, de cena em cena e de diálogo em diálogo, sempre vivos, vamos nos familiarizando com as raízes do pensamento de Stanley Keleman e com a forma como a autora processa e entrelaça as próprias raízes no encontro com a história dele. Ao mesmo tempo, acompanhamos os embriões de

conceitos e práticas consagradas, como o *embodiment*, o exercício do como ou exercício dos cinco passos, o formatar a expressão de um comportamento que toma de assalto e o processo de desorganizar a configuração somática que sustenta uma experiência cuja mudança seria benéfica.

É um livro teórico, é um livro de história, é um livro que revela como a política e a cultura se entrelaçam no destino do indivíduo. É um livro que agrega para quem, como eu, se dedica à clínica psicoterapêutica, pois revela como enfocar o sofrimento individual sem perder de vista o contexto social – nem reduzir uma categoria à outra.

Para terminar este prefácio, usando o conceito de “cozinha do analista”, do nosso mestre em comum Emilio Rodrigué, afirmo: se Regina fosse uma *restaurateur*, seu restaurante seria construído à maneira de uma arena – a cozinha ocupando o centro com toda sua azáfama produtiva, possibilitando aos clientes, que esperam à mesa o prato desejado, acompanhar desde o início os pormenores do preparo. E assim quem quiser, além de saborear, pode aprender a fazer por si.

Rebeca Berger

Psicóloga, analista bioenergética
e *international trainer*



PARTE I VICISSITUDES
DE UMA COLONIZAÇÃO

1 Antes do começo: como reconhecer e ativar um processo adaptativo

Este é um livro escrito em primeira pessoa, um corte num tempo e num momento da história social brasileira no qual me situo como parte de um processo de mudanças em que o corpo se tornou um tema, um conceito importante, uma porta para uma vida mais autêntica.

Isso era o que se dizia, no rastro do existencialismo dos anos anteriores, para que as pessoas se situassem e se adaptassem quando a década de 1960 chegou ao fim. Naquele momento, me coube estar de corpo inteiro produzindo movimentos próprios, muitos ainda erráticos, e buscando pessoalmente no campo profissional que emergia a sobrevivência, o ser mulher, o ser autônoma, a luta com a dependência e a competição dentro das chamadas psicoterapias corporais, cujos brotos adubados pela urgência de mudança nas subjetividades pipocavam aqui e ali.

A presença de Stanley Keleman – autor de cartografias clínicas e filosóficas que assimilei para a realidade brasileira já na década de 1990, traduzindo, usando, transformando e também redirecionando – é o fio condutor de uma narrativa histórica